

Fausto Calaça

**‘Da literatura sob Bonaparte,
ou da liberdade de imprensa’,
segundo Madame de Staël**

Resumo

Propõe-se, com o presente artigo, uma tradução comentada do texto “*De la littérature sous Bonaparte*”, capítulo da obra póstuma de Madame de Staël, *Considérations sur la Révolution française* (1818), no qual a autora estabelece uma reflexão engajada sobre a liberdade de imprensa, motivada pela brutal interdição e destruição do seu livro *De l’Allemagne*, por Napoleão, antes mesmo da sua publicação, em 1810.

Palavras-chave: Madame de Staël; Napoleão Bonaparte; liberdade de imprensa; resistência; despotismo; século XIX

Résumé

On propose, avec cet article, une traduction commentée du texte « De la littérature sous Bonaparte », chapitre de l’ouvrage posthume de Madame de Staël, *Considérations sur la Révolution française* (1818), dans lequel l’auteure établit une réflexion engagée sur la liberté de la presse, motivée par la brutale interdiction et destruction de son livre *De l’Allemagne*, par Napoléon, avant même sa publication, en 1810.

Mots-clés : Madame de Staël, Napoléon Bonaparte, liberté de la presse, résistance, despotisme, XIXe siècle

A vida e a obra de Madame de Staël (Anne-Louise Germaine Necker, antes de se casar com o Barão de Staël-Holstein), se constituem de eventos que marcam um dos períodos mais instigantes da história da França. A escritora – aristocrata por preconceito, liberal por convicção, ativista e conspiradora por ocasião, segundo os termos de Éric Bordas (2006) – foi amiga de várias pessoas que pensavam e escreviam na Europa, na passagem dos séculos XVIII e XIX. Suas obras, engajadas politicamente, consagradas a reflexões sobre a política contemporânea, se caracterizam pela busca e invenção de novas formas de pensar e escrever. Neste contexto, a literatura se constitui como novo objeto de estudo e debate, onde se exprimem, ao mesmo tempo, representações nacionais e questões e problemas de poder. Falando de literatura para falar de política, observa Bordas (2006), Madame de Staël inventa o discurso teórico por oposição ao discurso crítico, pois, na história da literatura, até o período de impacto da sua obra, os escritos sobre a arte poética (o que reconhecemos hoje como “literatura”) consistiam basicamente em julgamentos de valor:

Des ouvrages théoriques existaient, certes, dans leur volonté d'explication globale de phénomènes généraux. Appliqués aux belles-lettres, ils prenaient la forme de « poétiques » raisonnées, inspirées, bien sûr, d'Aristote et combinant l'abstraction de la démonstration formelle et la précision du commentaire d'exemples: le discours savant s'opposait ainsi aux intuitions et aux anecdotes de la critique, qui continuait pourtant à faire autorité sur le plan de la doxa. Mais ces théories du texte et des textes souffraient, aux yeux de lecteurs comme Mme de Staël, de ne pas (assez) s'ouvrir à la production des valeurs et du sens par un examen attentif, et complémentaire, des phénomènes de contexte empirique, et en particulier historique et politique. (BORDAS, 2006, p. 09)¹

291

É a partir do impacto da recepção de *la littérature dans ses rapports avec les institutions sociales*, publicada em 1800, que a noção de “literatura” surge então como objeto de uma (nova) teoria e de uma (por consequência, também, nova) crítica. Segundo Bordas (2006), a novidade de Madame de Staël, pensada por meio da

* Fausto Calaça – Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso.

¹ Em português: “Obras teóricas existiam, certamente, conforme sua vontade de explicação global de fenômenos gerais. Aplicadas às belas-artes, elas tomavam a forma de “poéticas” racionalizadas, inspiradas, obviamente, segundo Aristóteles e combinando a abstração da demonstração formal e a precisão do comentário de exemplos: o discurso sábio se opunha assim às intuições e às anedotas da crítica, que mantinha, portanto, a sua autoridade sobre o plano da *doxa*. Mas estas teorias do texto e de textos sofriam, aos olhos de leitores como Mme de Staël, de não se abrirem (suficientemente) à produção de valores e do sentido por meio de um exame atento e complementar dos fenômenos de contexto empírico e, em particular, histórico e político.” (Tradução livre)

literatura, é o sentimento de historicidade dos enunciados: a escritora nos convida a pensar, em interação absoluta, o tempo e o espaço sob a perspectiva de um *vir-a-ser* histórico dos discursos e, logo, do sujeito humano, no tempo e no espaço. Deste modo, a escritora também estabelece um “divórcio entre a literatura e a [antiga e clássica] retórica e propõe um novo casamento com a política” (BORDAS, 2006, p.17), tornando-se, assim, a “primeira teórica sócio-crítica da literatura” (*Ibid.*, p.20).

No ano de 1812, Madame de Staël inicia a redação de suas *Considérations sur la Révolution française*, obra inacabada que será publicada em 1818, um ano após a sua morte. O contexto da sua escrita se define como um período de viagens pelo norte da Europa, pelo exílio na Inglaterra e o seu retorno a Paris. O despotismo brutal de Napoleão é a sua principal motivação. Perseguida pelo imperador, a autora de *la littérature* se engaja a favor da liberdade de expressão, da criatividade textual, da transformação da produção literária.

Segundo Stefania Tesser (1992), *Considérations sur la Révolution française* não se configura como uma obra de história ou de autobiografia, embora tais elementos façam parte da sua composição: sua característica reside, principalmente, na mediação sobre o passado em função da realidade presente; e no exame da situação histórica e política de seus contemporâneos, o que torna o seu texto um “verdadeiro discurso político, um discurso que é sobretudo um ato de persuasão do destinatário” (TESSER, p. 310). Os eventos históricos da Revolução Francesa escolhidos por Madame de Staël são tratados conforme suas experiências e impressões pessoais. Escrito em primeira pessoa, seu texto evidencia a perspectiva e a restrição da visão de quem escreve. Deste modo, a obra se estrutura em seis partes, de acordo com a cronologia dos eventos: a época pré-revolucionária (1ª parte); a Revolução propriamente dita (2ª e 3ª partes); o Império de Napoleão (4ª parte); o período que vai até o início da Restauração (5ª parte); e, por fim, uma análise sobre a possibilidade de realizar, na França, uma monarquia constitucional, referenciando a Inglaterra como modelo bem-sucedido (6ª parte).

É na quarta parte que se encontra o texto que aqui apresentamos e traduzimos: o capítulo 16, “Da literatura sob Bonaparte” (« *De la littérature sous Bonaparte* »). A partir da experiência traumática de interdição e destruição do seu livro *De l’Allemagne*, antes mesmo de sua publicação, em 1810, Madame de Staël se coloca, definitivamente, como defensora da liberdade de imprensa, o que significava estabelecer uma guerra com “Bonaparte”, nome utilizado para se referir ao seu grande inimigo, pois, segundo Bordas

(2006), a escritora sempre recusou designar seu inimigo pelo seu nome de imperador, "Napoleão", que lhe parecia usurpado e ilegítimo, optando obstinadamente por chamá-lo pelo seu nome de estado civil.

A história da publicação de *l'Allemagne* esclarece os motivos dos vários gestos de oposição de Madame de Staël, assim como põe em relevo uma revolução intelectual que inaugura o movimento romântico na França. Florence Lotterie (s/d) observa que esta obra surge como uma profissão de fé cosmopolita e liberal incompatível com a ordem de chumbo que Napoleão impõe na Europa, ordem que a escritora já enfrentava, desde 1803. Lotterie observa ainda que *De l'Allemagne* irrita um poder que não encontra nenhuma alusão a sua presença conquistadora nas regiões alemãs: "defendendo o princípio de criação contra a imitação e a constituição de uma 'originalidade nacional' de literaturas; contra a esclerose de 'modelos' neoclássicos defendidos pelo Império, ela denunciava o parentesco do espírito de conquista militar e literária" (LOTTERIE).

O contexto da escritura de *Considérations sur la Révolution française* coincide com o de *Dix années d'exil*, obra também póstuma e inacabada, publicada em 1820. Obra de recordações, anotações e elaborações de Madame de Staël sobre suas experiências de exílio, mas também um texto engajado politicamente que delinea o retrato de um Napoleão déspota. François Rosset (2005) afirma que as *Considérations* podem ser lidas como memórias históricas, enquanto que *Dix années* teria conservado um caráter mais intimista. Rosset examina a situação excepcional da narradora-viajante destas duas obras: ela se encontra condenada a viajar, não por decreto do Imperador, mas porque não suporta viver sob vigilância e ameaças, no castelo de Coppet (Suíça), onde recebia, em seu salão, seus amigos, homens e mulheres de letras, dentre eles, Benjamin Constant, Schlegel, Sismondi, Juliette Récamier, Lord Byron, Chateaubriand.

Em *Dix années d'exil*, encontramos diversas passagens que evidenciam o engajamento da escritora a favor da liberdade de imprensa, em permanente confronto com Napoleão: "Nada o irrita tanto como a liberdade de imprensa. De fato, a tirania se estabelecendo ainda mais pela astúcia do que pela força, a publicidade deve ser o que um déspota usurpador tem mais medo" (STAËL, 1996, p.143);² "Meu pai me dizia sempre

² Tradução livre. No original : *Rien ne l'irrite autant que la liberté de la presse. En effet, la tyrannie s'établissant encore plus par la ruse que par la force, la publicité doit être ce qu'un despote usurpateur craint le plus.*

que um jornal livre publicado na França faria mais mal a Bonaparte do que um exército de cem mil homens" (*Ibid.*, p.143);³ "Bonaparte pode não sofrer por causa da liberdade de imprensa, mas ele gosta muito de se servir da imprensa escrava. Ele faz os jornais falarem de mil maneiras diferentes. Ele conhece a importância da opinião e não se cansa nunca de agir sem parar sobre ela" (*Ibid.*, p.147).⁴ É a experiência direta com o despotismo – apesar dos entraves, das fugas, das tristes perdas – que leva Madame de Staël a propor reflexões precisas sobre a liberdade de expressão, por meio da escrita. O imperador pode impedir a publicação de livros, pode até destruir aqueles que já foram impressos, como *De l'Allemagne*, mas ele não pode impedir o ato da escrita, observa Rosset (2005). E é por essa razão que Madame de Staël, *femme de lettres* com rica bagagem intelectual, ressalta o valor dos atos de resistência contra qualquer tipo de prejuízo à liberdade individual.

294

Para a presente tradução, foi utilizada uma edição de Charpentier-Paris, de 1843, intitulada *Considérations sur les principaux évènements de la Révolution française*, a qual retoma a edição organizada e publicada por Victor de Broglie e Auguste de Staël, em 1818.

Considerações sobre a Revolução Francesa, parte IV, capítulo 16:
"Da literatura sob Bonaparte"

Esta mesma política, para a qual não temos termos suficientemente desprezíveis, nenhum termo que possa evidenciar a enorme distância que existe entre um homem honesto e qualquer um que poderia entrar em tal caverna, foi ela que Bonaparte encarregou de dirigir o espírito público na França. Por conseguinte, a partir do

³ Tradução livre. No original : *Mon père me disait souvent qu'un journal libre publié en France ferait plus de mal à Bonaparte qu'une armée de cent mille hommes.*

⁴ Tradução livre. No original : *Bonaparte ne peut souffrir la liberté de la presse, mais il aime beaucoup à se servir de la presse esclave. Il fait parler les journaux de mille manières différentes. Il connaît l'importance de l'opinion et ne se lasse point d'agir sans cesse sur elle.*

momento em que a liberdade de imprensa deixa de existir e que o ato de censura da polícia, em vez de reprimir, passa a ser o de ditar a todo um povo as opiniões que ele deve ter sobre a política, sobre a religião, sobre os costumes, sobre os livros, sobre os indivíduos, em qual estado deve cair uma nação que só tem como nutrição para seus pensamentos aquela que reafirma ou edifica a autoridade despótica? Logo, não há por que se espantar se na França a literatura e a crítica literária tenham se rebaixado a tal ponto. Definitivamente, não é certo dizer que não haja em qualquer outro lugar mais espírito e mais atitude em tudo do que no povo francês. Pode-se ver quais progressos admiráveis eles não se cansam de realizar nas ciências e na erudição, uma vez que essas duas carreiras não tocam de modo algum na política, considerando que, agora, sem liberdade, a literatura nada pode produzir de relevante. É comum sempre contestar as obras-primas do século de Luís XIV, mas a escravidão da imprensa foi muito menos severa sob este soberano do que sob Bonaparte. No fim do reino de Luís XIV, Fénelon e outros pensadores já tratavam as questões essenciais dos interesses da sociedade. O gênio poético se esgota, alternadamente, em cada país e é só depois de certos intervalos que ele pode renascer. Mas a arte de escrever em prosa, inseparável do pensamento, abraça necessariamente toda a esfera filosófica das ideias; e quando se condenam os homens de letras a dar voltas no círculo dos madrigais e dos idílios, oferecem-lhes facilmente a vertigem da lisonja: eles não podem produzir nada que ultrapasse os subúrbios da capital e as bordas do tempo presente.

A tarefa imposta aos escritores sob Bonaparte era singularmente difícil. Ao mesmo tempo em que eles deveriam respeitar todos os interesses liberais da revolução, era preciso que eles combatessem com muita coragem tais princípios, de forma que a liberdade fosse apagada, mas que os títulos, os bens e os cargos dos revolucionários fossem consagrados. Um dia, falando de Jean-Jacques Rousseau, Bonaparte dizia: *Não obstante, ele foi a causa da revolução. Quanto ao resto, não devo me queixar, pois eu fui aquele que tomou o trono.* Era esse o tipo de concepção que devia servir de modelo aos escritores, para enfraquecer e debilitar as leis constitucionais e os direitos inalienáveis sobre os quais tais leis se fundamentam; para, enfim, exaltar o conquistador déspota que as tempestades da revolução tinham produzido e que depois se acalmaram. Em se tratando de religião, Bonaparte costumava afirmar, com seriedade, em suas proclamações, que os franceses deveriam desconfiar dos ingleses, considerando-os como heréticos; e queria justificar as perseguições sofridas pelo mais

venerável e mais moderado dos chefes da Igreja, o papa Pio VII, acusando-o de fanatismo. A instrução era de denunciar, como partidária da anarquia, qualquer pessoa que emitisse uma opinião filosófica de qualquer gênero; e se alguém, entre os nobres, parecesse insinuar que os antigos príncipes se entendiam melhor que os novos em relação à dignidade da corte, não lhe faltavam acusações de conspirador. Enfim, era preciso repelir o que havia de bom em cada maneira de analisar os fatos, a fim de compor a pior das pragas humanas: a tirania num país civilizado.

Alguns escritores tentaram elaborar uma teoria abstrata do despotismo, a fim de restaurá-lo, assim dizendo, de forma a oferecer-lhe um ar de novidade filosófica. Outros, do partido dos novos-bem-sucedidos (*parvenus*), se concentraram no maquiavelismo, como se aí existisse alguma profundidade; e apresentaram o poder dos homens da revolução como uma garantia suficiente contra o retorno dos antigos governos: como se existisse só interesses nesse mundo, como se o destino da espécie humana nada tivesse em comum com a virtude! De tais jogos de escrita, só restaram certas combinações de frases sem apoio de qualquer ideia verdadeira e, apesar disso, construídas conforme as normas gramaticais, com verbos, nominativos e acusativos. *O papel sofre de tudo*, dizia um homem de espírito. Sem dúvida, ele sofre de tudo, mas os homens nada se lembram de sofismas e, felizmente, para a dignidade da literatura, nenhum monumento desta arte generosa pode se elevar sobre falsas bases. É preciso acentos de verdade para ser eloquente, é preciso princípios justos para argumentar, é preciso coragem de alma para conseguir saltos brilhantes de gênio; e nada de semelhante pode se encontrar nestes escritores que seguem ao pé da letra a direção da força.

Os jornais estavam repletos de mensagens ao imperador, de passeios do imperador e de seus príncipes e princesas, de etiquetas e de apresentações na corte. Estes jornais, fiéis ao espírito de servidão, encontravam o meio de serem insípidos na época da convulsão política mundial; e, sem os boletins oficiais que vinham de vez em quando nos informar que a metade da Europa estava conquistada, poderíamos ter acreditado que vivíamos sob berços de flores, que não tínhamos nada melhor a fazer do que só contar os passos das majestades e altezas imperiais, do que repetir as palavras graciosas que eles tinham desejado despejar sobre as cabeças de seus sujeitados e submissos. É assim que os homens de letras, que os magistrados do pensamento, devem se conduzir diante da posteridade?

Apesar de tudo, algumas pessoas tentaram imprimir livros sob a censura da polícia. Mas, qual foi o resultado disso? Uma perseguição como aquela que me forçou a fugir para Moscou, em busca de asilo na Inglaterra. O livreiro Nuremberg Palm foi fuzilado na Alemanha por não ter desejado nomear o autor de um livro que ele imprimiu. E, se ainda exemplos mais numerosos de condenações não podem ser citados, é porque o despotismo era tão fortemente realizado que a única saída era a submissão, assim como nos submetemos às terríveis leis da natureza, a doença e a morte. Sob uma tirania tão perseverante, não estávamos expostos só a rigores infinitos, mas à impossibilidade de gozar de qualquer prestígio literário em seu próprio país, quando os jornais que se multiplicavam tanto quanto num governo livre e, além disso, submetidos a uma mesma linguagem, te assediavam com suas piadas de ordem e comando. Da minha parte, ofereci refrãos contínuos aos jornalistas franceses durante quinze anos: a melancolia do Norte, a perfeição da espécie humana, as musas românticas, as musas germânicas. A opressão da autoridade e o espírito de imitação eram impostos à literatura, do mesmo modo que o jornal oficial ditava os artigos de fé em política. Um bom instinto de despotismo levava os agentes da polícia literária a sentir que a originalidade na maneira de escrever pode conduzir à independência do caráter; e que era necessário tomar cuidado para evitar que livros de ingleses e alemães fossem introduzidos em Paris, se não se pretende que os escritores franceses, mesmo respeitando as regras do bom gosto, sigam os progressos do espírito humano dos países onde os problemas civis não diminuíram a marcha.

Enfim, a mais amarga de todas as dores que a escravidão da imprensa proporciona é assistir aos insultos, nas páginas públicas, àquilo que se tem de mais precioso, àquilo que mais se respeita, sem que seja possível tornar admissível uma resposta nestes mesmos periódicos, os quais são necessariamente mais populares do que os livros. Que covardia destes que insultam sepulturas, quando os amigos dos mortos não podem tomar a defesa! Que covardia destes jornalistas sem talento e sem escrúpulos, protegidos por uma autoridade, que atacavam também os vivos e serviam de vanguarda a todos os atos de condenação e ordem de exílio que o poder absoluto dispensa desde que lhe seja sugerida a mínima suspeita! Que estilo, este que leva o cachê da polícia! Ao lado desta arrogância, ao lado dessa baixeza, quando se liam alguns dos discursos dos americanos ou dos ingleses, de pessoas públicas, enfim, que quando se dirigem a outras pessoas só buscam comunicar suas convicções íntimas, sentia-se

comovido como se a voz de um amigo tivesse, de repente, sido projetada para um ser que não sabia mais como reconhecer um semelhante.



REFERÊNCIAS

- BORDAS, Éric. Préface. In : STAËL, Madame de. **Écrits sur la littérature**. Anthologie établie, présentée et annotée par Éric Bordas. Paris : Librairie Générale Française, 2006.
- LOTTERIE, Florence. **Parution de *De l'Allemagne de Mme de Staël***. Disponível em <<https://francearchives.fr/commemo/recueil-2013/39179>>.
- ROSSET, François. « Madame de Staël à la fenêtre des Tuileries : intimité et histoire dans *Dix années d'exil* ». **Le Moi et l'histoire, 1789-1848**, textes réunis par Damien Zanone. Grenoble : Presses universitaires de Grenoble, 2005. p. 70-87.
- STAËL, Madame de. « De la littérature sous Bonaparte ». In : _____. **Considérations sur les principaux évènements de la Révolution française**. Ouvrage posthume, publié en 1818, par M. le Duc de Broglie et M. le Baron de Staël. Paris : Charpentier, 1843.
- STAËL, Madame de. **Dix années d'exil**. Édition critique de S. Balayé et M. Vianello Bonifacio. Paris : Fayard, 1996.
- TESSER, Stefania. « La présence de l'auteur dans les *Considérations sur la Révolution française* de Madame de Staël ». **Annali di Ca' Foscari : Rivista della Facoltà di Lingue e Letterature Straniere del l'Universita di Venezia**, 31 (1-2), 1992, p. 309-328.